

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FAGNER FRANCISCO DE SANTANA

**START DA SESSÃO: INTERLOCUÇÕES ACERCA DO USO DOS JOGOS
ELETRÔNICOS NO TRABALHO DE ANÁLISE INFANTIL.**

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2019

FAGNER FRANCISCO DE SANTANA

**START DA SESSÃO: INTERLOCUÇÕES ACERCA DO USO DOS JOGOS
ELETRÔNICOS NO TRABALHO DE ANÁLISE INFANTIL.**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.
Orientadora: Indira Feitosa Siebra de Holanda.

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2019

START DA SESSÃO: INTERLOCUÇÕES ACERCA DO USO DOS JOGOS ELETRÔNICOS NO TRABALHO DE ANÁLISE INFANTIL.

Fagner Francisco de Santana¹
Indira Siebra Feitosa de Holanda²

RESUMO

Existe uma crescente luta nos movimentos para reduzir o uso de tecnologias e jogos para crianças, com o pensamento de que estes são causadores ou desencadeadores de patologias físicas e/ou psicológicas, no entanto, é necessário que se pense de que forma esses elementos podem ser observados dentro dos atendimentos psicológicos com crianças, nesse sentido, esse estudo objetivou analisar qualitativamente o discurso de discentes do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO), tendo como objetivo compreender de que forma o jogo eletrônico pode ser entendido dentro dos atendimentos, para análise dos dados fora utilizado o método de análise de discurso. Fruto dessa análise foram contabilizados três pontos essenciais, que se foi fracionado para melhor compreensão dos leitores, que foram: (1) A formação sintomática, o lugar dos pais e considerações acerca do atendimento infantil. (2) Reflexões sobre possibilidades de atuação e a formação do analista frente aos jogos eletrônicos (3) Perspectivas e aparições do jogo eletrônico, formando cena na análise infantil. Por fim, solicita-se a continuação de pesquisas acerca deste tema e das tecnologias afins, para retirar a condição patogênica dos games, e compreender que em psicanálise, em tudo aquilo que há desejo, há investimento.

Palavras-chave: Games. Análise infantil. Psicanálise.

ABSTRACT

There is a growing movement to reduce or decrease the use of technologies and games for children, with the thought that they are causing or triggering physical and psychological pathologies, however, it is necessary to think about how these elements can be observed. Within the psychological care with children, this study aimed to qualitatively analyze the discourse of students of the Psychology course of the Dr. Leão Sampaio University Center (UNILEÃO), aiming to understand how the electronic game can be understood within the attendances, for data analysis the speech analysis method was used. As a result of this analysis, three essential points that contribute to a better understanding of the readers were accounted for: (1) Symptomatic formation, the place of parents and considerations about child care. (2) Reflections on possibilities of acting and the formation of the analyst regarding electronic games (3) Perspectives and apparitions of electronic games, forming a scene in children's analysis. Finally, it is requested to continue research on this topic and related technologies, to remove the pathogenic condition of games, and understand that in psychoanalysis, in all that there is desire, there is investment.

Keywords: Games. Child analysis. Psychoanalysis.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: Fagnerf11@hotmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: Indira@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Diante do cenário contemporâneo, se tornou costumeiro observar tanto no âmbito da psicologia, em áreas da saúde, das ciências humanas e até mesmo no meio social, crescentes lutas que tem como objetivo analisar a possível limitação do uso de jogos eletrônicos para crianças, assim como também no âmbito do campo da tecnologia como um todo, em relações as redes sociais, sites e outros tipos de programação, tendo em vista que os mesmos são causadores ou desencadeadores de patologias, sejam elas físicas ou psicológicas.

Nessas condições de análise do processo social contemporâneo, é preciso se perceber de que, em certo modo, a perspectiva tecnológica está enraizada na nossa produção de cultura e de relações, mediando assim o contato com o outro, além de estar dentro daquilo que se pode caracterizar sobre o desenvolvimento, como a linguagem, sociabilidade e até mesmo as questões mais primitivas da sobrevivência humana, passam hoje por esse processo.

Dessa forma, é inegável que a tecnologia também chegue aos processos psicoterapêuticos, sendo causa ou consequência desse, uma vez que se enraíza na vivência do sujeito, fazendo uma manutenção dos seus processos individuais e a forma como o sujeito se coloca em seu meio.

Em função deste primeiro, esse estudo justifica-se por essa análise de indissociação do sujeito atual com a tecnologia e a busca de adaptação da psicologia enquanto ciência e profissão que compreende o sujeito no tempo atual enquanto ser de sentido e plástico no que tange o desenvolvimento de sua capacidade enquanto humano.

Sendo assim ao compreender o contexto social, é também de suma importância munir a sociedade acadêmica com os novos ajustes contemporâneos no que tange desenvolver ações de adaptabilidade por parte da perspectiva da psicologia, além disso se faz necessário que enquanto profissional se reconheça esses recursos e utilize-os para a melhoria e o desenvolvimento do paciente infante no trabalho analítico, a realização de aprimoramento do trabalho com esse público além do conhecimento de teorias e técnicas para com o mesmo.

Sendo importante também, que como imerso ao universo infantil, seja aguçado em mim a construção e desenvolvimento de novos apontamentos na clínica com crianças, que rompam a ideia do tradicionalismo e aponte para novas construções e que possa contribuir para atualização da psicologia enquanto ato contemporâneo.

Com essa compreensão, se faz necessário reconhecer os jogos enquanto mediadores desse processo de desenvolvimento e adaptação do sujeito criança ao mundo contemporâneo. Assim sendo, esse estudo objetiva observar em uma pesquisa qualitativa, a partir dos relatos

dos estagiários de psicologia com abordagem psicanalítica, como os mesmos observam o jogo eletrônico e quais pontuações estes fazem sobre a utilização do game no trabalho analítico.

E ainda como forma de realçar a importância deste, toma como condições secundárias, distinguir quais análises a psicanálise faz da perspectiva do *game*, compreender a formação do analista, e como essa proporciona aqueles que estudam psicanálise a possibilidade de adaptação às propostas contemporâneas e entender de que forma o *game* adentra os settings terapêuticos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O BRINQUEDO E O BRINCAR VS O GAME E O PLAYER.

O universo do brincar na clínica de psicologia é algo de imensa dimensão, assim se faz necessário que se tenha a compreensão de que o brinquedo é uma das atividades mais antigas da humanidade segundo Huizinga (2003). De uma forma ampla, segundo o mesmo, brincar é “uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites [...], dotado de um fim em si mesmo acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana” (HUIZINGA, 2003, p. 33).

Assim sendo, podemos ver que com a contemporaneidade e os avanços tecnológicos, chegamos a compreensão do que seriam jogos eletrônicos, desta forma, como um processo que necessita da interface, capaz de alterar o jogo, assim sendo gerando um feedback em tempo real em um monitor eletrônico (GALLO, 2007), ampliando assim essa definição para toda forma de jogos eletrônicos, sejam elas em celulares, tablets ou computadores.

Compreende-se os avanços tecnológicos como ajustes sociais, dessa forma, os *games* interpretam processos culturais no que diz respeito onde, ao longo da vida, serviu para a capacitação dos indivíduos em sociedade. Sendo assim, se faz necessário reconhecer os *games* como uma formação para a vida, na chamada era da informática, uma vez que todos os processos são mediados a partir da tecnologia (PINHEIROS, 2007).

Desta forma, ainda de acordo com o mesmo (PINHEIRO, 2007), é necessário que se pense que há uma modificação dos jogos eletrônicos, não sendo apenas mais passatempos para crianças e jovens, mas como um leque de possibilidades, atuando na formação e desenvolvimento social, onde a partir desses processos se faz necessário que se compreenda as possibilidades de uso terapêutico pelo mesmo.

Em psicanálise não se há uma clínica da criança, do adolescente, do adulto e do idoso, se tem, na verdade, a concepção de sujeito, sujeito esse que é mediado a partir da perspectiva do Outro (ELIA, 2004) que vem a denominar a economia do desejo, que reflete-se diretamente na estrutura clínica, aspecto importante para o trabalho do analista (DÖR, 1991), entretanto, pela consumação social da psicanálise se faz necessário o pensamento das peculiaridades de cada público e de como o analista se coloca frente a este.

Ressaltado esses aspectos, é importante situar que na clínica psicanalítica Winnicott (1975) traça a condição do brincar enquanto mecanismo mobilizador da linguagem dentro do tratamento, apontando a necessidade de adaptação ao meio da criança, compreendendo-a em seu mundo, e explorando a necessidade de observar o brincar enquanto ferramenta e não como unidade por si mesma.

Esse pensamento direciona a compreensão de que, na clínica psicanalítica com o sujeito infante, o brincar e o jogar equivalem a mesma condição desde que ambos estejam relacionados a comunicação do analista e analisando.

E enquanto mobilizador da fala, dentro do pensamento do uso do game, jogo ou brinquedo em análise com crianças, Flesler (2012) adiciona que nesse sentido essa ferramenta deve dar de conta de primordialmente observar como a criança se coloca na fantasia, em um outro momento a forma como os tempos do sujeito se empregam no brincar, e por fim, como a partir desses dois anteriores a criança sujeito se refere ao Outro primordial, e assim seria possível esse trabalho com essas matérias, e como estes tornam-se auxiliares do ato analítico.

2.2 ATENDIMENTO INFANTIL EM PSICANÁLISE: POSSIBILIDADE DE ANÁLISE E A CONDIÇÃO DE ADOECIMENTO DA CRIANÇA

Para que seja iniciado um apontamento acerca do sintoma, é inevitável pensar a experiência infantil; o ser que nasce é inserido prematuro no mundo, sendo então firmados aspectos referentes à cultura e ao vínculo amoroso com as figuras parentais. É sabido que Freud, na construção da psicanálise, se propõe a questionar o infante, a introduzir a sexualidade como característica primordial atribuída a criança, o adolescente, o adulto, o idoso.

Nesse sentido, a experiência de vida do primeiro ao último momento é marcada pela sexualidade; onde há uma comunicação direta com a pulsão. Nesta via, Freud verifica que as neuroses são o resultado dos conflitos entre o eu e as pulsões, intestáveis à vista da

integralidade, são recalçadas, isto é, afastadas da possibilidade de satisfação. No entanto existe uma falha nesse recalcar e a libido não investida procura outros objetos para alcançar a satisfação, por caminhos alternativamente indiretos (DIAS, 2006).

Então, o sintoma corresponde a um modo de satisfação de algum desejo sexual. E assim, “de algum modo, o sintoma repete essa forma infantil de satisfação, deformada pela censura que surge no conflito, via de regra transformada em uma sensação de sofrimento” (FREUD, 1917/1980, p. 427). É válido sublinhar que na clínica psicanalítica infantil, percebe-se uma articulação do inconsciente dos pais e o sintoma infantil, situados também a partir da pré-história da criança.

A infância, como um período importante do desenvolvimento humano, reserva um espaço de variadas mudanças e transformações. O ambiente escolar, familiar e social tem impactos específicos no constructo psíquico infantil, fazendo então com que as mudanças se figurem muitas vezes em um laço sintomático com as experiências nelas vividas.

Essa figuração representa a produção de um sintoma; e este pode ser compreendido como:

[...] a maneira pela qual uma criança é marcada, não somente pela maneira como é esperada antes do seu nascimento, como também pelo que vai ela em seguida representar para um e outro dos pais em função da história de cada um. Sua existência real vai chocar-se assim com as projeções paternas inconsistentes donde vem os equívocos. Se a criança tem a impressão de que todo acesso a uma palavra verdadeira lhe é vedado, pode em certos casos procurar na doença uma possibilidade de expressão. (MANNONI, 1971, p.65).

É difícil desassociar o sintoma manifesto pela criança de determinadas disfunções familiares. Sendo válido, portanto, verificar a importância do não dito e quão isso pode ser prejudicial ao sujeito, haja vista que há menos impacto no confronto real da criança com uma realidade/verdade traumatizante do que na "mentira" proferida pelo adulto (AZEVEDO; FERES-CARNEIRO; LINS, 2014).

A análise procura tornar a criança mais liberta para se conhecer, e conhecer os outros, manifestando seus sentimentos na relação com o analista. Tem como objetivo, identificar e resolver conflitos, tratar acontecimentos focais, possibilitar a aquisição de insights e reorganizar a criança na sua trajetória desenvolvimento.

Consiste em um instrumento relevante para a produção de um suporte para que a criança lide melhor com essa produção de sintoma; compreendendo-se este como “o emergente de um sistema intrapsíquico que está, por sua vez, inserido no esquema familiar também doente” (ARZENO, 1995, p. 167), verifica-se com isso a importância do estabelecimento próximo do contato com a família.

Essa construção sintomática se relaciona a emblemática função simbólica dos pais, contudo não se vincula apenas a esta. Corresponde a observância e reconhecimento desse elo fundamental (entre a criança e seus principais cuidadores), de modo a explicitar “o espaço no qual os pais e a criança possam diferenciar suas questões, imprimindo um cunho singular e único às suas narrativas” (ZORNIG, 2001, p. 126). Sendo sabida, então, da implicação dos cuidadores no sintoma do sujeito criança, é necessário que haja, mesmo que esporadicamente, um encontro com estes durante o processo psicoterapêutico infantil.

No que corresponde à análise, Flesler (2007) reitera que o psicanalista atende crianças, mas aponta suas práxis no sujeito, afirmando a ineficácia da categorização e classificação de especialidades técnicas. O psicanalista se propõe a ouvir o sujeito, e isso não estaciona na idade, mas se orienta compreendendo que esse sujeito tem tempos, promovendo encontro com a especificidade do ato analítico.

Ainda pelas linhas de Flesler é possível considerar que os pais sempre tiveram espaço no campo psicanalítico, percorrendo as obras e conceitos. Seja no aspecto edipiano ou na abordagem lacaniana de lugar, há uma questão interessante: o desejo. Há o "desejo dos pais" que fomenta ao desejo dos pais frente ao filho, e há um outro ponto que é o entrelaçamento entre gozo e amor no "desejo entre os pais". Sendo, portanto, ambos direcionamentos relevantes para o psicanalista, sabendo que os dois surgem na clínica psicanalítica.

2.3 A FORMAÇÃO DO ANALISTA E AS PECULIARIDADES DA CLÍNICA COM CRIANÇAS

Quando se trata de psicanálise, um assunto relevante que passa silenciosamente por Freud, entretanto que vem tomar formas a partir de Lacan e seus posteriores é a formação do analista, peça chave dentro do ato analítico que possibilita a realização da construção da análise, tomando o lugar de escuta e que estará ligado diretamente aquele que é atravessado pelo sintoma.

Sendo assim, os escritos apontam que para a formação analítica se faz necessário a convenção do tripé: análise didática, supervisão e seminários teóricos (transmissão), essas são peças chaves para o reconhecimento por parte do analista para que esse venha a ser verdadeiro ao seu investimento na formação na clínica e compreender veemente aquilo que te acusa e te introduz ao jogo do outro, e a partir dessas e de outras condições, atuar de fato em psicanálise e não em métodos que fujam a construção ortodoxa da psicanálise (TANIS, 2018).

Assim, se tratando ainda dessa formação, compreende-se a dificuldade de desprender-se de crenças de um processo anterior, para que naquele momento este possa ser convocado pelo outro para dentro de seu desejo, nesse ponto, o desejo empregado pelo analista recobre desde a sua formação, o investimento que este faz para manter-se no tripé, mas também entender que esse desejo não está ligado a como outros profissionais: na cura, na verdade, não implica outra coisa senão a subversão de todo edifício cultural ordenado pelos valores estéticos, ou seja, liga-se em última instância, o abandono da esperança de controle e educação da libido em prol ao coletivo (OLIVEIRA; NEVES, 2013).

Pensar sobre o investimento do analista recai ainda sobre a função técnica e ética deste, onde são pontos nevrálgicos do trabalho analítico, que permite, inclusive, a construção da formação transferencial, onde a partir do manejo técnico, é constituído a imagem de suposto saber do analista, que recai a forma com que o paciente se põe frente a esse no jogo transferencial, logo a técnica em psicanálise não se justifica ainda sobre o manejo de conceitos ou o empregar sequencias de técnicas, mas sim de uma interlocução da completude analítica, a forma com que o analista estará atuando e todo cenário clínico (MILLER, 2003).

A ética, por sua vez, se configura a partir das colocações do analista, ou seja, a conduta que este assume, o compromisso de não subestimar o sofrimento do outro, além de configurar-se enquanto pedra angular do reflexo do sofrimento daquele que o procura, compreendendo também aquele que goza de seu sofrimento e o princípio desejante, na economia do desejo do outro que é atravessado por sua estrutura clínica (OLIVEIRA; NEVES, 2013).

A formação do analista recai sobre todos esses aspectos citados anteriormente, e ainda sobre esta fundamentação recobre a ideia de não existir um trabalho clínico pautado apenas em uma outra idade cronológica, entretanto, existe o apontamento do lugar do analista infantil enquanto lugar de “privilégio” esse significante é usado como forma de provocação, para que este veja uma atuação que “visa transmitir e considerar a clínica com crianças uma oportunidade de ensino, de formação para o psicanalista, na medida em que se trata do lugar da escuta do sujeito inconsciente” (MARINO, 2013).

Ainda segundo o mesmo, mais tarde aponta para o cuidado do desejo e investimento do analista, para que não se recaia no lugar de mestre, e que apesar de uma oportunidade de ensino, se fuja da imagem de educador, ou daquele que ensina ou proporciona algo, o lugar do analista no infante é também assumir papel de marcador do não dito, empregando e reconhecendo o seu investimento dentro do ato.

Dentro dessa possibilidade a clínica infantil e a tecnologia são pontos únicos que solicitam uma atualização constante por parte do analista (que por sua vez investe suficientemente no seu ato), concordando com isso temos o pensamento de (BARBOSA et al, 2013), cita que se faz necessário a partir das mediações tecnológicas conduzir o paciente na simbolização, assim como a relação do Eu, ao qual vem sendo superestimada com as relações narcisistas da era da informação, além do auto cuidado com sua própria imagem, visto que ela é indissociável a este meio.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

Ocorreu uma pesquisa de campo, que se caracteriza enquanto aquela que objetiva compreender um objeto a partir da observação dos fatos e dos fenômenos sobre esse que é estudado (MARCONI; LAKATOS, 2010.) Utilizando-se do método qualitativo, do tipo exploratório. O trabalho foi realizado no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO), instituição de ensino superior situado na cidade de Juazeiro do Norte, no estado do Ceará. A mesma conta com 18 anos de atuação na região, com o intuito de formar profissionais nas áreas de Medicina Veterinária, Análise e desenvolvimento de sistemas, Gestão de recursos humanos, Administração, Ciências contábeis, Direito, Serviço social, Fisioterapia, Biomedicina, Enfermagem, Educação física (Licenciatura e Bacharelado), Odontologia, Psicologia e Gestão Comercial.

3.2 AMOSTRA DA PESQUISA

O estudo ocorreu na Região Metropolitana do Cariri Cearense, a amostra utilizada se estrutura tendo por base estudantes do curso de psicologia no Centro universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO), em estágio em Ênfase Clínica, no Serviço de psicologia Aplicada (SPA). Da qual se tem como **critérios de inclusão** estar matriculado na ênfase II do estágio clínico, ou estar no segundo estágio dentro da proposta da ementa do curso, o estágio deve estar sendo orientado por um orientador de abordagem psicanalítica, o que conseqüentemente fará com que o estagiário seja de abordagem psicanalítica, assinar o termo de consentimento livre e esclarecido; assinar o termo de consentimento pós esclarecidos; assinar o termo de uso de voz. Por conseguinte, como **critérios de exclusão** se expressa: ser do estágio em ênfase I

em clínica, não ser orientado por orientador de abordagem psicanalítica o que consequentemente fará com que o estagiário seja de outra abordagem psicológica, não assinar o termo de consentimento livre e esclarecido, não assinar o termo de esclarecimento pós esclarecidos; não assinar o termo de uso de voz.

O acesso as participantes da pesquisa se obteve por meio de contato direto com os mesmos estabelecidos no âmbito do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, com uma quantidade de quatro (04) alunas. A utilização do termo de consentimento livre e esclarecido não haverá dispensa, sendo este material que resguardará o anonimato da participante da pesquisa, ou seja, garante o sigilo bem como assegura as informações.

3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS E ANÁLISE DE DADOS

A principal forma de coleta de dados foi a partir de uma entrevista semiestruturada, que foi realizada em salas individuais do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, se faz necessário a compreensão de que a entrevista se constituiu de forma individual e tendo precaução que o mesmo seja assegurado do sigilo e da privacidade do participante.

A entrevista semiestruturada conta com quatro (04) perguntas norteadoras, que deram vazão para o acolhimento das informações dos participantes, as perguntas constam em anexos ao final deste estudo. Para a realização dessa entrevista se utilizou também de um gravador de áudio, um diário de anotações do pesquisador sobre considerações que apareceram durante o processo.

As gravações foram usadas para transcrever as conversas para que dessa forma se faça sua análise, não havendo a exposição do áudio. Salientando que não se dispensa nessa etapa do processo o termo de uso de voz como também do TCLE.

A etapa de análise de dados se constituiu a partir da análise de discurso, que se constitui enquanto uma disciplina que estuda o discurso do sujeito, a mesma advém de berço da linguista, materialismo histórico e psicanálise, o objeto de estudo deste é uma construção que se desenvolve em meio ao processo histórico e à maturação da linguagem (GONDIM E FISCHER, 2009).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de apresentar os tópicos contidos enquanto resultados dessa pesquisa, se fragmenta em três sub-tópicos que auxiliam a leitura e a compreensão da dimensão daquilo

que fora analisado pelo discurso das participantes, são eles: (1) A formação sintomática, o lugar dos pais e considerações acerca do atendimento infantil. (2) Reflexões sobre possibilidades de atuação e a formação do analista frente aos jogos eletrônicos (3) Perspectivas e aparições do jogo eletrônico, formando cena na análise infantil.

Outro ponto que se faz necessário é que os nomes das participantes foram modificados para nome de personagens de jogos eletrônicos, para melhor segurança do sigilo para com as mesmas, sendo assim a participante 1: Athena; Participante 2: Chun-li; Participante 3: Princesa Peach e Participante 4: Kitana, devido a questão do sigilo.

4.1 A FORMAÇÃO SINTOMÁTICA, O LUGAR DOS PAIS E CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ATENDIMENTO INFANTIL.

Diante das falas das participantes, ainda que se cumprisse o papel de falar sobre os adoecimentos e questões das crianças é perceptível a falta de compreender qual a real demanda da criança, sendo assim, antes que se inicie qualquer diálogo sobre como são apresentadas as queixas, é necessário se fazer um questionamento que consiste em: Qual a verdadeira queixa das crianças?

Pensando sobre essa condição, uma das primeiras análises feitas por este estudo é de que desde a mais recente idade, o aparelho mobile (Celulares, tablets, notebooks entre outros) vem sendo entregues nas mãos das crianças, essa conjuntura é apontada por uma das participantes como:

“Os jogos eles têm ficado presente na vida das crianças desde quando as crianças já conseguem segurar o celular, nem que elas não saibam jogar, mas os pais entregam: “Menino, pegue esse celular e jogue, pra tu ficar quieto, pra tu não correr, não se machucar, pra não quebrar as coisas” então assim, é como se fosse uma distração da vida” (Kitana).

Como fruto de análise é percebido que há nesse entregar uma função de silenciar a criança que demanda algo dos pais, e se encararmos essa condição enquanto mobilizadora de traumas a criança, se faz importante entender que agora, o aparelho toma condução de uma relação entre a mãe (função) e a criança. Entre outro ponto, pensar a relação do eu e o não-eu, essa condição apontada se aproxima muito com a função de objeto transicional apontada por Winnicott (1975) onde podemos pensar o aparelho mobile enquanto objeto transicional das relações contemporâneas.

Nesse sentido o que se é percebido é que existem muitas alternativas no que tange compreender o comportamento das crianças e o investimento que elas fazem em algumas relações, e em outras não, sendo assim é observado dentro da análise desses discursos, que um dos lugares que essa criança pode ocupar é justamente a de sintoma da família.

Prizskulnik (1995) aponta que a criança ao assumir esse local, apontando na questão dos pais, uma vez que, nesse sentido, os pais buscam o atendimento para a criança narrando as demandas das crianças alicerçadas na sua visão, que necessariamente ao falar de seus filhos, narram os fantasmas em que esses fazem com que eles os projetem.

Sendo assim, existe de fato uma correlação entre a condição de silenciar aquele que agora denuncia o sintoma da família, entretanto, se faz necessário quando esse uso vem sendo exacerbado ao ponto de ser a causa da busca do atendimento, é o que acontece no caso da participante Princesa Peach, que evoca a condição de ter um paciente ao qual aparece para ela com um diagnóstico psiquiátrico de “Autismo like”, termo advindo da psiquiatria, que designa sintomas de autismo, desencadeados pelo uso excessivo de tecnologia, o mesmo ainda não tem estudos que resultem essa nomenclatura, embora já esteja sendo difundida no meio social.

Ao se fazer um paralelo entre essas condições citadas anteriormente, é explícito na voz de algumas participantes que o jogo por si só não há problemática

“O Uso do jogo, muitas mães elas chegam um tempo, que é como se fugisse do controle, como se não tivesse mais aquele controle sobre a criança, só que, é, é como se o comportamento da criança fosse todo voltado ao jogo, o jogo do celular...”
(Athena).

Esse ponto, é explicitado em outras participantes também, o que é um dado importante de se pensar, já que se retoma a formação do sintoma da criança no seio familiar mediado pela (falta) regra.

Com essa compreensão a regra que agora aparece enquanto condição de autoridade, se mostra essencial na formação do sujeito, a relação com a autoridade “terá de funcionar renovando sua operação nominante, enlaçando a regulação e o acesso a cada novo gozo em cada um dos tempos do sujeito na infância” (FLESLER, 2012, p.60-61). O que nos dá vazão para pensar a condição da criança que não é enlaçada pelas relações da autoridade paterna, e não consegue a partir da nomeação do pai separar ele ao Outro.

E por se falar em construção de sintoma, é relatado também sobre a criança que não brinca:

“Tem crianças que não consegue, já atendi pacientes que, é, se, não tinha “inventividade”, o que é inventividade? Uma espada é uma espada, ela não pode ser outra coisa, então isso tem a ver com a criação, com a fantasia, justamente no momento onde tudo pode virar um brinquedo... Então quando a criança não consegue pensar o objeto ou repensar, para além da estrutura do objeto, isso está me dizendo algo, da não fantasia, da não “inventividade”, uma repressão dos pais sobre esse brincar...”. (Chun-li).

Uma das análises feitas também, é a relação que os discursos têm, culminando com esse relato temos:

“Eu vejo muito difícil pra ela (a criança) essa questão até de entrar na linguagem mesmo, por que por exemplo, o brincar ele não é uma forma de substituir essa linguagem, e sim de facilitar essa linguagem né, a forma dessa criança falar, porém, pra ela é muito difícil por que ela fica completamente absorvida naquele uso, naquela... Por exemplo no aparelho celular, alguma coisa do tipo, durante o jogo e tal, e eu sinto essa dificuldade, por que no próprio jogo, naquele jogo tecnológico todas as representações já estão ali de certa forma, então a criança não tem muito do criar, do pensar sobre, do inventar uma história, por exemplo” (Princesa Peach).

As participantes, conversam quando trazem a condição da criança que não brinca, e que por muitas vezes é complicado se trabalhar com jogos eletrônicos pois ele dificulta a formação da fantasia.

Antes mesmo de pensar sobre a criança que não brinca, se faz importante pensar sobre o que é a brincadeira de fato, nesse sentido, a brincadeira era uma forma onde as fantasias inconscientes eram expressas. Logo, a interpretação da brincadeira estaria ligada as formações da criança, a partir de seu simbolismo. (FULGENCIO, 2008). Essa condição reflete que as condições limitantes a criança que não brinca, é a impossibilidade da interpretação (a menos que essa fale de suas questões). No entanto, o não brincar é indicativo.

E se pensar na condição da criança que não brinca, ou até mesmo da percepção do jogo ainda enquanto psicopatológico, nos dá vazão para compreender esse fenômeno ainda de forma muito reducionista, empregando-se a necessidade de compreender a clínica com crianças como sendo também aquela que faz amarração com a construção do sintoma.

Com essa compreensão se faz importante entender que para Dor (1991) a visão da clínica como um geral se faz importante perpassar também pela condição do diagnóstico diferencial, sendo a partir deste que o analista poderá compreender a condução do tratamento, a formação transferencial bem como a economia do desejo do sujeito que se apresenta, o que não seria diferente com o infante, visto que Klein (1997), aponta a sua construção clínica alicerçada nas percepções estruturais, como nos casos de neurose em sua obra “A psicanálise de crianças”.

4.2 REFLEXÕES SOBRE POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO E A FORMAÇÃO DO ANALISTA FRENTE AOS JOGOS ELETRÔNICOS

“Bastante complicado” (Princesa Peach); “é um tipo de atendimento mais delicado” (Kitana). Com esses fragmentos as participantes da pesquisa apontam significantes que designam as suas condições acerca do atendimento infantil, os termos utilizados se referem a uma dificuldade que a partir da análise feita, apontam para uma condição que aumenta o nível de exigência devido as peculiaridades observadas nos atendimentos infantis, ainda que estas trabalhem com a compreensão de sujeito.

Trabalhar com análise infantil solicita que o analista uma estruturação e uma recondução da sua função, uma vez que é a partir do seu desejo, que há uma estruturação do lugar de suposto saber para a criança, Marino (2013, p.83) acrescenta que “nesse sentido, o que se coloca é a necessária implicação do lugar da criança diante da posição daquele que escuta”.

Observando tais pontuações, o deslocar de posição que é solicitado para com o analista, reflete necessariamente pela condição da convocação transferencial da criança que por sua vez não contem barreiras egóicas suficientes para distinção entre o EU e o TU, é compreensível que no discurso do capital:

Assim, com relação à criança, como sujeito nesse discurso (\$), trata-se de privilegiar a passagem dos infantis a sexuação o que, segundo essa lógica, corresponde a inscrição do desejo na partilha dos sexos, ou seja, a posição do sujeito diante da castração. A partir das contribuições lacanianas, conforme a autora, pode-se dizer que o infantil é um lugar onde, na fantasia, localiza-se uma operação de encontro traumático com o significante, com o impossível de significar (MARINO, 2013, p.89-90)

Nas falas das participantes, apontam que assim, atender crianças mexe não apenas com a sua condição enquanto analista, também a disposição da sua compreensão de infância e também a sua vivência enquanto criança, onde a partir destes impossibilita (ou não a atuação).

Sobre o conceito de criança existe uma corroboração das participantes quando apontam

“É muito interessante também para a gente pensar sobre isso, sobre como a gente precisa reconstruir a nossa noção de infância, né, por que por exemplo, a minha infância foi completamente diferente de você que tem uma idade próxima da minha,

mas com toda certeza é totalmente diferente da infância de quem eu atendo na clínica estão tendo agora”. (Princesa Peach).

Ainda que existam respingos da constituição do analista enquanto sujeito, se faz importante pensar que a condição da formação do analista baseia-se em um tripé e que um destes é a supervisão, condição apontada enquanto resultado que designa que a conduta e os posicionamentos das participantes partem diretamente da conduta da supervisão de seus supervisores.

Saraiva e Nunes (2007) corroboram com esse pensamento quando refletem a supervisão enquanto condição primordial do tripé psicanalítico, uma vez que o ato analítico e a transmissão por si só não dariam de conta de toda a grandeza das condições analíticas, além do mais, a supervisão estaria enlaçada em uma condição de relação humana, retirando as características solitárias do ato analítico, reverberando no trabalho do narcisismo do terapeuta iniciante, auxiliando na conduta teórico-prática, em melhores resultados do trabalho analítico.

Por conseguinte, é colocado a fala:

“Eu acho que na psicanálise, tem que se saber estar despreparado, por que, eu acredito eu me apego ao nosso início, Freud começou ouvindo, e eu acho que a psicanálise se refaz nisso... se eu achar que li todos os seminários, que li tudo, que sei de tudo, cadê o lugar de resto? De dessaber? Então assim, estudar a teoria não me faz saber sobre o sofrimento daquele paciente, mas pode me preparar para que eu possa dar uma direção naquele tratamento... por isso que essa escuta que a gente pratica na psicanálise tem muito do insuportável, de fato é suposto, suposto saber, por que saber, é nenhum” (Chun-Li).

Sendo assim atender o sujeito infante a partir do não saber e sair da condição de programação pré-estabelecida. Ao se pensar sobre a questão do não saber, e o objeto de estudo de estudo desse trabalho, pode se refletir na fala:

“Chega pra mim como uma novidade... e eu tenho condições para me adequar, para fazer acontecer, e eu acho que dá super certo, é como eu falei, a criança ela se expressa muito, principalmente no jogo, no rabiscar e é dessa forma que a gente interage com a criança” (Athena).

Em corroboração com a fala anterior:

“Eu fico um pouco “assim” pra falar dessas coisas, primeiro porque tô começando agora, na clínica, logicamente, eu acho que é até uma coisa necessária, me percorrer sobre todo o meu caminho profissional, essas dúvidas, essa auto-avaliação do que estou fazendo, certo, do que estou fazendo errado direito, como executa, acho que ainda erro, talvez por omissões de não saber o que tô fazendo” (Princesa Peach).

O que dá margem a pensar a formação constante do analista, onde Miller (2013) aponta exatamente para esse quesito, relatando que o erro de Freud em 1914, quando acreditava já conhecer tudo sobre a psicanálise, entretanto, para o mesmo, é impossível pois a execução da transferência psicanalítica, solicita que esse ensino seja dinâmico. O que nos faz pensar que a condição de trabalho por parte dos analistas contemporâneos apesar de estarem ligados ao não saber, é esse lugar que mobiliza e proporciona a busca pela compreensão e ajuste ao novo.

4.3 PERSPECTIVAS E APARIÇÕES DO JOGO ELETRÔNICO, FORMANDO CENA NA ANÁLISE INFANTIL.

Assim como a tópica anterior, nessa também se faz importante iniciarmos com um questionamento: Se as crianças estão cada vez mais ligadas aos jogos e brinquedos tecnológicos, quais brinquedos serão ofertados na sessão de análise visto que os analógicos por muitas vezes já que as crianças não sabem mais brincar com os mesmos?

A Priore é perceptível na análise do discurso das participantes as dificuldades na adaptação dos consultórios e até mesmo da introdução do jogo dentro da clínica, pois no âmbito familiar, não há uma organização em torno das regras do uso, o que acaba prejudicando a relação terapêutica, entretanto, há uma dificuldade do estabelecimento dessa condição enquanto demanda da criança.

O consultório, nesse sentido, deve ser adaptável as necessidades de diversas crianças, com queixas diferenciadas, além de ter um espaço a mais para recepção de pais e responsáveis, a partir do momento em que esse espaço supra a necessidade de observar a relação da criança com o analista, esse será suficientemente bom (ABERASTURY, 2008). Esse pensamento sobre o consultório se faz importante, pois é a partir dessa visão que se pode pensar que não é a disponibilização de brinquedos e games que farão o local ser propício ao atendimento, mas sim a disponibilidade de atualização as queixas da criança, onde a partir da fala surgirá a real demanda.

Nesse sentido, foi percebido enquanto análise fundamental dos discursos das participantes, que o jogo eletrônico atualmente não está dentro da clínica enquanto ferramenta, mas sim como assunto mobilizador:

“É o atender o sujeito, eu não suponho que ela não saiba, que ela não tenha algo a me falar, que ela não saiba falar, ou que ela não vá conseguir me dizer algo, e que ela não vá me dizer em palavras” (Chun-li).

O dito, as palavras, ou a verbalização a partir do brincar é condutor primordial para a interpretação das fantasias infantis, e por assim dizer princípio norteador do tratamento nesse sentido, mas quando se fala em tratamento e em linguagem é impossível se negar a importância da transferência no trabalho de análise, na infância uma particularidade quando é citado que “a transferência estaria ligada a protótipos e imagos infantis, em que o analista é inserido numa das séries psíquicas que o paciente já formou” (ZORNIG, 2008). Sendo assim, a transferência infantil está muito mais ligada aos conhecimentos sobre as atualidades infantis da época, do que os seus conceitos sobre infância.

Outro ponto a se citar, é que para a relação familiar, ou com a condução das relações sociais o jogo parte de uma condição de fuga, a participante coloca em sua fala que:

“Geralmente o paciente já pode estar jogando na recepção, por que já vem jogando no caminho, porque ele já estava jogando em casa, está falando” (Chun-li).

Essa percepção de fuga pode ser compreendida enquanto um mecanismo de resistência uma condição que é importante para a clínica, e se dispõe a partir da análise dos discursos das entrevistadas, observando essas questões, a resistência se faz no laço social, no ato analítico, e na relação com o isso gerando as compulsões e repetições (LEÃO, 1975). O que se pode observar de comum entre a resistência e o game? Ambos estão internamente ligados a separação entre o eu e o isso, além de uma conduta de não enfrentamento e ligação interna sobre a condução sintomática.

Além da citação acima, algo que possa reforçar a condição da relação game e resistência, é exatamente no relato da participante Chun-li, onde ela traz que quando suportou o não lugar que seu paciente há colocava, isso causou efeitos, onde ele pode perceber que aqueles espaços eram de sua fala, e tratou de investir em seu tratamento, nesse sentido, a resistência utilizada como mecanismo mobilizador de transferência.

Tendo em vista que os jogos eletrônicos adentram o espaço da clínica enquanto assunto, um dos resultados apontados dessa análise, é de que o jogo eletrônico com condutas violentas é o que tem mais aceitabilidade pelas crianças, jogos de tiro, luta e sobrevivência, como por exemplo o Free Fire como citado pela participante Princesa Peach.

É possível se analisar essa condição de transferir aos jogos o teor de violência e agressividade, pois ambos os sentimentos estão ligados a condições primitivas das nossas relações, por sua vez, a ordem simbólica auxilia as crianças a representa-las, quando não há

representação, se pensa em uma formação inibitória e fantasmática do ato, transformando o investimento em angústia e repressão (PIETRO; JAEGER, 2008).

Ainda que se pense essa condição do jogo eletrônico como forma de inibição desses sentimentos agressivos, se faz importante pensar também sobre a condução e trabalho destes, afinal de contas como aponta os autores, a agressividade é um dos condicionantes primitivos da nossa constituição enquanto sujeito, então, nesse sentido, uma das análises feitas é pensar a introdução do jogo na clínica, onde a partir dos conteúdos do game, se possa compreender a qual tempo a criança responde.

A perspectiva da contemporaneidade e a necessidade de atualização constante por parte do analista, vem sendo exercitada diversas vezes nesse estudo, a importância deste é para que se compreenda a vivência da criança em seu mundo, e que se consiga criar condições favoráveis para o desenvolvimento dessas questões na criança, nesse sentido, um último ponto apresentado e percebido dentro dessas entrevistas, é a influência e relação direta das mídias digitais e das plataformas de Streaming, que estão diretamente ligadas a comunicação e a condução do jogo da criança. Observando na fala da participante:

“Eles (os pacientes) traziam muito, teve um que trouxe muito, os vídeos que assistiam, de jogos, esses vídeos eram tutoriais para jogos, e ele assistia muito e falava muito dos jogos”. (Kitana)

A partir dessas concepções recorre-se novamente ao discurso do capitalista, onde para Furtado et al (2016) as mídias se apresentam enquanto imago das relações, onde o imediatismo é o condutor das relações, nesse ponto a fantasia se faz amostra como sentido. As observações desses podem se marcar enquanto registros nas mobilizações das relações infantis no que condiz com condições imediatistas, e a interpretação da sua fantasia no Outro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo visto o exposto acima, se faz necessário que se crie uma clínica com crianças, que se distancie da formação de manuais de atendimento e que o brincar não apareça enquanto mera unidade, mas que seja necessário perceber a partir deste a que tempo essa criança fala, e em que lugar ela se coloca, no entanto com essas pontuações se percebe que ainda há uma dificuldade, percebida na coleta de dados, de diferenciar queixa e demanda, o que acarreta necessariamente uma não interpretação do brincar.

A análise de dados a partir da análise de discurso refuta a hipótese inicial, apontando que não há uma dificuldade, muito menos uma não vontade de aprender por parte dos estagiários, e que a formação atual tanto no curso de psicologia, quanto na perspectiva da psicanálise dá vazão e local de discursos para essas pautas, embora haja esse déficit citado no parágrafo anterior.

Outro aspecto importante é pensar o enlace da análise visto que o método utilizado para interpretação dos dados fora a análise de discurso, pensando exatamente sobre o teor qualitativo da pesquisa, e nesse ponto não houveram paradoxos no que tange a metodologia da pesquisa e da análise de dados.

Ainda que a partir de um método qualitativo, toma-se essa pesquisa de forma positiva, considerando o alcance dos objetivos e o empenho de pensar a construção metodológica exequível e com condições a auxiliar a interpretação do entrevistado e do leitor.

Sendo assim, se faz importante ainda mais estudos sobre as áreas das tecnologias e seus ramos, afim de pensar a contribuição desta na formação cultural, que por sua vez está ligada diretamente a formação daquele enquanto sujeito.

Quando o jogo entra em cena, é possível uma condição de análise, visto que esse não é material enquanto unidade, mas sim, como força motriz das relações fantasmáticas da criança, o que nesse sentido reforça-se ainda mais importância da divisão entre queixa e demanda pensando sobre esse exposto.

Embora não se exista uma “clínica por faixa etária” e sim a clínica do sujeito em psicanálise, é importante pensar que o brinquedo por si só não diz nada, assim como o jogo, os gamers e até mesmo aquilo que é verbalizado pela criança, precisa ser lido pelo não dito também, ao fazermos isso, existe a possibilidade de sairmos das considerações patogênicas e compreendermos o investimento do sujeito na clínica, este que é uma criança.

REFERÊNCIAS

- ABRASTURY, A. **Psicanalise da criança – Teoria e técnica**. 8º ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- ARZENO, M. E. G. **Psicodiagnóstico clínico: novas contribuições**. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- AZEVEDO, L. J. C.; FERES-CARNEIRO, T.; LINS, S. L. B **Sintoma infantil: efeito da transmissão psíquica?** Cad. Psicanalise., Rio de Janeiro, v. 36, n. 31, p. 169-196, dez. 2014. disponível em: Acesso em 26 out. 2019.
- BARBOSA, A.F.C et al. **As novas tecnologias de comunicação: questões para a clínica psicanalítica**. Cad. Psicanálise. -CPRJ, Rio de Janeiro, v. 35, n. 29, p. 59-75, jul/dez. 2013.
- DIAS, M.G.L.V. **O sintoma: de Freud à Lacan**. Psicol. Estud., Maringá, v. 11, n. 2, p. 399-405, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722006000200019&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em 26 de out de 2019.
- DOR, J. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Tradução Jorge Bastos e André Telles Revisão técnica Carmen Mirian Da Poian. Livrarias Taurus Editores, Rio de Janeiro, 1991.
- ELIA, L. **O conceito de sujeito**. 1ºed. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.
- FLESLER, A. **A psicanálise de crianças e o lugar dos pais**. 1ºed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2007.
- FREUD, S. (1980). **Os caminhos da formação dos sintomas**. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. (Vol. XVI, pp. 419-440). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1917).
- FULGENCIO, L. O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico. **Revista Brasileira de Psicanálise** · Volume 42, n. 1, 124-136 · 2008.
- FURTADO, A, C; ET AL. Fantasia, desejo e mídias sociais, um olhar da psicanálise. **Revista Psique**, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 32-42, ago. /dez. 2016.
- GALLO, Sérgio Nesteuruk. **Jogo como elemento da cultura: Aspectos contemporâneos e as modificações na experiência do jogador**. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- GONDIM, S.M.G; Tânia FISCHER, T. **O discurso, a análise de discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo na gestão INTERCULTURAL**. Cadernos Gestão Social, Salvador, v.2, n.1, p.09-26, set.-dez. 2009.

HIUIZINGA, Johan. **Homo Lundens: O jogo como elemento de Cultura**. Tradução: João Paulo Monteiro. 5° ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

KLEIN, M. **A psicanalise de crianças**. 1° ed. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

LEÃO, Y, A, S. Resistência e Psicanálise. **Toro de psicanalise**, 1975. Acesso em 16 de nov de 2019.

MANNONI, M. **A criança, sua doença e os outros**. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.

MARCONI, M.A. LAKATOS E.M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7° ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARINO, A, S. **A criança nos quatro discursos – O psicanalista diante do infantil**. Stylus Revista de Psicanálise, Rio de Janeiro no.26, p.83-92, junho de 2013.

MILLER, J, A. A “formação” do analista. **Opção Lacaniana**, Revista Brasileira Internacional de psicanalise, n°37, 2003.

OLIVEIRA, H, M. NEVES, T, I. **Considerações sobre a formação do analista: ética, saber e transmissão**. Cad. Psicanálise. -CPRJ, Rio de Janeiro, v. 35, n. 28, p. 91-110, jan/jun. 2013.

PIETRO, P, P; JAEGER, F.P. Agressividade na infância: análise psicanalítica. Visão Global, Joaçaba, v. 11, n. 2, p. 217-238, jul. /dez. 2008.

PINHEIRO, Cristiano Max Pereira. **Apontamentos para uma aproximação entre jogos digitais e comunicação**. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

PRISZKULNIK, L. **A criança e a psicanálise: o “lugar” dos pais no atendimento infantil**. Psicologia USP, São Paulo, v. 6, n. 2, p.95-102, 1995.

SARAIVA, L, A; NUNES, M, L, T. **A supervisão na formação do analista e do psicoterapeuta psicanalítico**. Estudos de Psicologia 2007, 12(3), 259-268.

TANIS, B. Considerações sobre a formação psicanalítica: desafios atuais. **Revista Latino-americana de Psicoanálisis** – Vol. 7 año 2006.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. 1°ed. Rio de Janeiro: Mago Editora LTDA., 1975.

ZORNIG, S, A, J. Transferência na clínica psicanalítica com crianças. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, 41(75): 123-133, dez. 2008

ZORNIG, S, A, J. Da criança-sintoma (dos pais) ao sintoma da criança. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 119-127, 2001.

6 ANEXOS

6.1 PERGUNTAS NORTEADORAS

- a) Como você compreende o atendimento infantil?
- b) Como você percebe e qual a importância do brincar na clínica com crianças?
- c) Qual a sua percepção sobre os jogos eletrônicos (games) na contemporaneidade?
- d) Você já se deparou com jogos eletrônicos (games) na clínica? Caso a resposta seja afirmativa, questionar: Qual sua experiência? Caso a resposta seja negativa, questionar: Como você percebe esse movimento dos jogos eletrônicos (games) entrando na clínica?

